

DOS MINUTOS

Enzo Amaral

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

No nada, Suely borda flores de cheiros que não existem. As paredes rubro-gris suam a poeira estática dos nomes que não pertencem. Assim se estende a madrugada, sem Estrela Polar que norteie vela, agulha ou braço trêmulo.

No domingo, Suely abraça o culto de línguas outras. Decanta na fé o detrito da matéria, encontra garganta no versículo que arrebatava. No mármore branco requeixa o espírito, arrepende o estigma profanado e acanha os desejos sob a chaga sagrada.

Na saída, Suely venderá as mãos pela hora que corre ácida. Refém do passado imposto, queimará lenta em mormaço. Nada virará pano, pano virará troco, troco é comida, comida vira traça. E virá pressa, que vira força e é o que resta.

No fim, Suely será menor que estátua, maior que a história. Dissipada na paisagem hostil aos que teimam ocupá-la. Entranhada no estômago oco de quem ousa dela guardar memória.

No princípio, Suely sonhava pétalas de cores inocentes. Havia magia nas coisas que brotam do chão. Cheirava nos campos o perfume da idade, no calor fazia lar e jantava primavera. Fez de si jardim-de-gente e se deitou em amor-perfeito. Mas sob sol rodava terra fértil e a vida era pouco. Por fruto imaturo se esqueceu que inevitável é o outono. E inevitável é o outono.